

O bombardino como fenômeno de estudo no contexto da música brasileira

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Musicologia

Hugo Leonardo dos Santos Cardoso
Universidade Federal da Paraíba
euphanaticos@gmail.com

Resumo: O presente trabalho constitui-se como um recorte da pesquisa de dissertação de mestrado em andamento, apresentando aqui um viés acerca da primeira parte que se dá sobre entender a participação do eufônio na construção da música brasileira numa perspectiva histórica. Através de pesquisa documental e bibliografia foi possível aferir a importância do bombardino na música e na própria sociedade do Brasil.

Palavras-chave. Bombardino, Eufônio, Música Brasileira.

The bombardino as a Phenomenon of Study in the Context of Brazilian Music

Abstract: The present work is constituted as a clipping of the master's dissertation research in progress, presenting here a bias about the first part that gives about understanding the participation of the euphonium in the construction of Brazilian music in a historical perspective. Through documentary research and bibliography it was possible to gauge the importance of the bombardino in music and in Brazilian society itself.

Keywords: Bombardino, Euphonium, Brazilian Music.

O bombardino no contexto brasileiro e a descoberta de um campo de estudo

A rica variedade de gêneros e estilos musicais passou a definir a importância da música brasileira, sendo um recurso amplamente compartilhado tanto pelas plataformas de mídias sociais existentes, quanto pelas pesquisas acadêmicas produzidas. Além disso, percebe-se uma enorme variedade de instrumentos musicais na produção musical brasileira. Nesse sentido, é possível destacar métodos particulares de prática e expressão musical, como os instrumentos de metal. Os metais têm sido incorporados em diversas áreas da prática musical devido ao seu timbre, potência sonora e relações socialmente envolvidas. É notável que esse conjunto de instrumentos se juntou a grupos musicais brasileiros respeitados de várias origens, incluindo grupos militares, civis e até mesmo de cultos religiosos.

Neste contexto, destacamos aqui o eufônio, comumente chamado de bombardino, instrumento tradicional das bandas de música no Brasil e que tem poucos trabalhos como sendo o principal objeto de estudo no que se refere a academia brasileira. O bombardino é

citado como coadjuvante no amplo material sobre música e suas vertentes na literatura brasileira. Deste modo, faz-se necessário observar que o bombardino está presente no Brasil não somente como instrumento de banda de música, mas em uma variedade de grupos musicais até mesmo como instrumento solista. Assim, destaco aqui uma descrição da nomenclatura do instrumento, tomando como base a literatura que tem discutido suas principais características.

Ao longo da história deste instrumento é possível observar uma variedade de nomes e terminologias que são o reflexo da tentativa de os construtores de instrumentos immortalizarem os seus nomes. O termo “euphonium” é conferido a Ferdinand Sommer em 1843, outra nomenclatura era “sommerophone” (referindo-se ao sobrenome do construtor) que recebeu premiação na feira londrina de 1851. Outro instrumento exposto nesta feira era o “hellhorn”, instrumento semelhante ao de Sommer, mas patenteado pelo construtor suíço Ferdinand Hell (ALMEIDA JUNIOR, 2010, p.8).

Observamos também termos como saxhorn bass de Adolphe Sax. Na Alemanha “baryton”, todas referindo-se a instrumentos semelhantes (O’CONNOR, 2007).

A nomenclatura “bombardino”, utilizada no Brasil, é um termo italiano que fomenta a ligação familiar com a tuba “bombardone”. Santos (2021) atribui a invenção do bombardino ao italiano Giuseppe Pelitti. Presume-se que daí surgiu a matriz da utilização da nomenclatura “bombardino” no Brasil.

As bandas de música e a chegada do bombardino no Brasil

Com o propósito de uma melhor compreensão do bombardino como instrumento que faz parte da música brasileira é preciso entender e organizar o pensamento de como se deu a inserção do bombardino no Brasil. Para isto, se faz necessário observar os primórdios da inserção dos instrumentos de metal e os primeiros indícios da criação das bandas de música (grupo onde mais aparece o bombardino no Brasil).

Neste aspecto, Silva (2018) no “manual do mestre de banda de música” evidencia que os primeiros indícios do processo de criação de bandas de música datam do século XVII. Os primeiros grupos musicais denominavam-se de bandas de fazenda, regidas por mestres estrangeiros e músicos escravos, que os senhores de engenho criavam com o intuito de

demonstrar poder. Já no início do século XVIII era possível identificar instrumentos de metal na formação denominada terno ou terço, composta por metais, percussão e madeiras, mantidas por aristocratas portugueses, estas que eram usadas nos momentos solenes, festivos e lazer, sendo elas o embrião das bandas de música.

Segundo Silva (2018), as bandas de música se dividem em cinco categorias (Figura 2), diferenciando-as por suas características e instrumentação, neste quesito o bombardino é comum estar presente em todas as cinco formações instrumentais.

Figura 2: fluxograma dos 5 tipos de bandas de música brasileira



Fonte: Manual do mestre de banda de música (SILVA, 2018)

Desse modo, de acordo Silva (2018), as bandas ficam assim divididas:

1) **Banda musical ou banda de música:** ao longo do tempo recebeu diversos nomes como o termo filarmônica, Lyra, Euterpe e outros. São compostas por instrumentos de metais, madeiras e percussão, com forte presença em apresentações em praças nos séculos XIX e XX. Executam obras tradicionais como dobrados, polcas, maxixes e dobrados, além de arranjos de obras populares.

2) **Banda de Concerto:** apresenta concertos, com a função mais didática, seu uso está associado a ambientes acadêmicos como escolas e universidades. Em seu repertório além das músicas tradicionais possui transcrições de obras de orquestras, temas de filmes e composições específicas para esta formação. O grande diferencial está na inserção de instrumentos de palheta dupla, como o fagote e oboé e o aumento de integrante em relação a banda de música.

3) **Banda sinfônica:** além de utilizar os instrumentos de palheta dupla, amplia ainda mais os integrantes e os instrumentos, inserindo inúmeros instrumentos de percussão, bem

como a adição de harpas e violoncelos. O seu repertório é composto especificamente para esta formação, bem como transcrições de obras para orquestra sinfônica.

4) **Banda Marcial:** diferencia-se das outras por sua apresentação em deslocamento, não tendo impedimento de ser feito apresentações sem deslocamento. Sua formação é normalmente composta por instrumentos de metal, como trombones, trompetes, bombardinos, trompas e tubas, junto com um robusto naipe de percussão.

6) **Banda de fanfarra ou apenas fanfarra:** recebe grande resistência em ser caracterizado como uma das vertentes de banda de música. A sua formação instrumental utiliza instrumentos diferentes das demais, com instrumentos simples, sem pistões, com gatilhos e ou com apenas um pisto.

Dentro do universo das bandas de música brasileira existem diversos tipos de formações que estão além da caracterização instrumental. Podemos observar formações compreendidas a músicos profissionais ou amadores, com objetivos militares, religiosos, solenes, festivos e até mesmo para o lazer. Neste mesmo seguimento, Binder (2006) apresenta uma perspectiva histórica das bandas militares no Brasil, indicando a existência de bandas de música nos corpos militares do Rio de Janeiro antes de 1808. As bandas militares eram utilizadas nas comemorações das festas reais e religiosas na transferência da corte para o Rio de Janeiro. A incorporação dos baixos (classificação instrumental na qual se encaixa o bombardino) nas bandas no Brasil, acontece, segundo Fernando Binder (2006) entre 1817 e 1825. Entretanto, não é clara a época exata da chegada do bombardino no Brasil, pois, no mesmo trabalho não é encontrado o termo “bombardino”, mas sim o termo “bombardões”, como é possível notar na relação apresentada por Binder (2006) (Tabela 1):

Tabela 1: relação dos instrumentos a serem distribuídos para as bandas de música do exército segundo o decreto n.5352 de 23 de julho de 1873. (destaque em amarelo para o possível uso do bombardino com a nomenclatura "bombardões")

Instrumental	Batalhões ou Companhias			
	De artilharia a pé	De infantaria pesada	De dita ligeira	tempo de duração [anos]
Flautins	1	1	1	10
Flautas	1	1	1	10
Requintas	1	1	1	10
Clarinetas	3	3	3	10
Pistões	2	2	2	10
Trompas	4	4	4	10
Trombones	3	3	3	10
Saxofones	1	1	1	10
Oficleides	2	2	2	10
Baixos	3	3	3	10
Bombardões	1	1	1	10
Árvore de campainha	1	1	1	10
Caixa de rufo de metal, pronta	1	1	1	15
Baquetas para caixa de rufo	2	2	2	2
Pratos de música, pares	1	1	1	5
Triângulo de aço com forrinho	1	1	1	10
Bombo pronto com coroa imperial	1	1	1	10
Macete para bombo	1	1	1	4
Número de Músicos	25 músicos			

Fonte: bandas militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889 (BINDER, 2006)

Na tabela acima é possível notar a palavra bombardões e a palavra baixos, primeira aparição neste trabalho datado de 1873. Fernando Santos (2021) defende que a data provável da aparição do bombardino está entre 1850 e 1870. O instrumento possivelmente era tratado como bombardino, bombardão ou baixo sem definição exata de um padrão do formato de instrumento, mas de instrumentos similares ao bombardino dos dias atuais. Deste modo, temos uma aproximação de vinte anos da chegada do bombardino no Brasil.

Assim, considerando a ausência de um padrão na nomenclatura, bem como a existência de registros escritos e visuais (Figura 2), é possível concordar com Santos (2021) a respeito do período de início do bombardino na música brasileira.

Figura 2: fotografia de 1868 da banda euterpe de Goiás. bombardinos (setas azuis) e um barítono (seta vermelha)



"Banda Euterpe" — criada em 1868 vendo-se o regente, Silvino Odorico de Siqueira, e os seus seis filhos músicos.

Fonte: (MENDONÇA, 1981 *apud* SANTOS, 2021)

Na fotografia acima notoriamente está datada de 1868, logo, podemos afirmar até o momento que o instrumento mesmo não seguindo um padrão de nomenclatura, provavelmente é um dos registros mais antigos da presença do bombardino no Brasil.

O bombardino no Choro

Sobre o bombardino no choro, há evidências concretas da participação do instrumento neste gênero musical. Na obra intitulada "O Choro: reminiscências dos chorões Antigos" de Alexandre Gonçalves (1936) é possível averiguar esta afirmação. O autor, conhecido pelo apelido de "Animal", descreve centenas de personagens da cena do choro no Rio de Janeiro datando de 1870 a 1936. Dentre tais personagens, é possível identificar muitos deles como prolíferos executantes do bombardino, são eles: Gilberto bombardino, João Valeriano, Ismael Brasil, Irineu Batina, Henrique Martins, Juca Marques Felipe Trombone, Geraldino, Nhônô Soares, João Mulatinho, Balduino, Pedro Motta. Apesar da forma pouco polida da sua escrita, Animal produziu um excelente depoimento da história da música daquela época, sendo frequentemente utilizado como matéria-prima de textos sobre o choro.

Ainda sobre o choro, de acordo com Estevam Júnior (2014), o bombardino participa das primeiras gravações no Brasil através do músico Cândido Pereira da Silva, conhecido

como “Candinho”. Estas gravações além do choro, eram constituídas de modinhas, lundus, valsas e polcas, sendo ouvidas pela alta sociedade carioca da época. Candinho também participava de rodas de choro destacando-se tanto no trombone como no bombardino.

O bombardino no Frevo

A respeito do frevo, é possível encontrar evidências da participação direta do bombardino, como esclarece Leandro Silva (2019) que nos primeiros anos da década de 1920, o bombardino esteve presente na formação de blocos carnavalescos de frevo denominados popularmente de orquestra de pau e cordas. Adicionalmente, podemos também destacar a constatação de Silva (2022), através de entrevistas com o bombardinista e trombonista da banda da Rede Ferroviária do Nordeste e da banda do Exército Brasileiro José Denílson Batista (1956 –, Batista do Bombardino) que no ano de 1973 era comum a execução do bombardino em todos os gêneros de música, principalmente valsas e frevos de bloco.

O bombardino e repertório brasileiro em trabalhos acadêmicos

Acerca do repertório brasileiro para bombardino, podemos encontrar dois trabalhos na academia brasileira que focam no bombardino, desenvolvidos por Barreto (2019) e Silva (2022), possibilitando um primeiro olhar recente sobre o repertório do instrumento. Mesmo sendo recente a pesquisa com foco no instrumento, podemos examinar também trabalhos como o de Pinto (2013), que faz uma catalogação de obras para tuba. O bombardino tendo ligação direta com a tuba acaba por fazer parte desta catalogação. Podemos nos orientar também pelo trabalho de Cunha (2002), que relata sobre a vida e obra do compositor pernambucano Dimas Sedícias, no qual é possível verificar obras compostas para o bombardino, em sua maioria com duo entre bombardino e tuba. Já em língua inglesa podemos destacar o trabalho de Santos (2016) que além de uma linha do tempo do bombardino no Brasil, traz uma bibliografia anotada de obras originalmente composta para o bombardino de compositores brasileiros. Neste aspecto, Santos (2016) ainda pontua que o repertório selecionado é diversificado e tem influência de uma variedade de gêneros musicais brasileiros que ainda são desconhecidos na cena internacional.

No trabalho de Cunha (2002), observamos as obras para bombardino de Dimas Sedícias: Luar de Vila Nova, Donaldeando, Cascavel e Xique-Xique. Já na Dissertação de Pinto (2013), lista obras compostas entre 1920 e 1940, por compositores da região interiorana da Bahia, são elas: Bolero Raul Ribeiro - João Azevedo; Bolero Homenagem - Antônio Braga; Fantasia, Fantasia Torquaso Tasso e Fantasia Antônia Celestina - Antônio França; Polaca - J. Franco; Bolero Antônio Brito - Estevam Moura ; Bolero - Amando Nobre; Fantasia Ibotirama País Das Flores - Tertuliano Santos.

O trabalho de Santos (2016) (em língua inglesa), lista obras brasileiras para bombardino, são elas: Haja Deddos!, Concert Piece, Tema e Variações sobre o Cravo e a Rosa e Xaxando no Cerrado - Fernando Moraes; Bate Papo; e Divertimento para tuba e eufônio - Dimas Sedícias; Sin Misura - Roberto Farias; TUBAUÁ e o choro Irerê - Raul do Valle; Diálogos Sonoros Sobre as Estrelas - Harry Crowl; Solidões de Pedra - Marcos Cohen; Brincando com o Bombardino - Edmael Santos; Ponteio - Ricardo Alves da Silva; Corpo de Lata - Dimitri Cervo; Experiência - Leticia Lass; Mandando Vento - Julião Bohemio; Música Noturna Urbana - Harry Crowl; Perna de Pau e Inspiração Bachiana - Abner Jorge Ferme Les Yeux - Carlos da Costa Coelho; Uma Manhã de domingo - Beetholven Cunha. do proprio autor Santos (2016) conhecido com o pseudônimo de Fernando Deddos é possível encontrar as seguintes obras: Rabecando, “I” no Maxixe, Fantasia Fandango; Frevo do Besouro, Duo Divertimento, Ratatá, Sopro do Minuano, Invasions and Myths, Modinha, Momentums, Praxis, Themes and Variations, 8ito pequenas Peças Populares para Quarteto de Eufônios e Tubas, Scherzo Redondo, Concerto para Eufônio e Orquestra, Tú Choras Eu para Tuba e Eufônio, Brazilian Rhapsody for Euphonium and Wind Ensemble e Loui (2019) para Eufônio/ Tuba e Piano.

Silas Barreto (2019) lista diversas obras, abaixo estão as obras que não estão presentes em outros trabalhos: Chorando em Atenas, Duo Divertimento nº 1 e Duo Divertimento nº 2 - Fernando Deddos. Do próprio autor (Silas Barreto) podemos encontrar as obras: Abertura nº 1- Entrando em Novo Mundo e Calmaria. Enquanto Auciran da Silva (2022), como um dos trabalhos de pós graduação mais recentes com enfoque no bombardino como objeto de estudo, além de citar muitos dos nomes citados anteriormente, deixa sua contribuição própria como compositor, são elas: Aboio nº 125 para eufônio solo, Duas Danças

(Valsa e Frevo,) para eufônio e Piano; e Variações Sobre o Tema de Sou Feliz com Jesus para eufônio e banda, com versão para eufônio e piano.

No ano de 2021, o autor desta pesquisa, como instrumentista e estudante de bombardino, estreou com o referido instrumento a obra dividida em três movimentos intitulada "Reminiscências" (I-Tango Bruckneriano, II-Entoada, III-Passacaglia) do Compositor Fernando Deddos, obra composta para 16 sopros e percussionista junto a Orquestra Filarmônica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a regência do Maestro André Muniz. Como contribuição de composição o autor da presente pesquisa no ano de 2022 desenvolveu a obra intitulada "Reggae Loop" para 3 bombardinos e 1 tuba, estreada em dezembro de 2022 no seu próprio recital de graduação em música com ênfase em bombardino pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O bombardino como instrumento solista

Quanto ao bombardino como instrumento solista em gravações, diversos trabalhos podem ser encontrados. Uma das primeiras gravações de que se tem notícia é de 1910, que segundo Estevam Júnior (2014), se trata de um fonograma intitulado "Em Ti Pensando", composto por Anacleto de Medeiros e gravado no Rio de Janeiro pela casa Faulhaber com solo do bombardino a cargo de Candinho do trombone. Entretanto, esta informação fica divergente, pois, na página digital do Instituto Moreira Salles a música, cujo áudio parece ser a mesma gravação, é datada de 1911 com o título "choro de bombardino". Mesmo com estas divergências de informações fica evidente que a gravação está presente nos primeiros anos do século XX.

Na atualidade destaca-se o trabalho de Fernando Deddos, músico, bombardinista e compositor que gravou o CD "EuFonium Brasileiro" (2009), primeiro disco brasileiro deste segmento. Uma das músicas gravadas "Rabecando", ganhou o prêmio Roger Bobo de excelência em composição, na categoria Euphonium solo na ITEC 2010 (International Tuba-Euphonium Conference), pela ITEA (International Tuba and Euphonium Association). Desta forma podemos aferir que a música brasileira composta para bombardino é reconhecida e aceita internacionalmente.

O bombardino como protagonista em trabalhos acadêmicos

Outra dimensão a ser elucidada após ampla pesquisa, é que o bombardino na academia brasileira é recente, principalmente no que diz respeito a pós-graduação, sendo que se tem notícia de apenas dois mestres recém formados no Brasil que protagonizam o bombardino: Silas Barreto (2019), que discute o ensino do bombardino nas universidades federais brasileiras e Auciran Roque (2022), que tem como foco o bombardino e a música brasileira como possibilidades formativas através de métodos de estudos melódicos de nível médio ao avançado baseado em gêneros e ritmos pernambucanos.

No âmbito acadêmico de nível superior brasileiro, foi possível encontramos dois trabalhos de conclusão que discutem o bombardino como foco principal: 1) Marco Antonio Almeida Junior (2010), que descreve sobre “Euphonium” (bombardino) na evolução da construção do instrumento até o século XIX e a literatura estrangeira, porém, não sendo o foco no instrumento no Brasil; 2) Christian Reis (2013), que explana sobre o ensino do euphonium (bombardino) entre 1930 e o início do século XXI no Brasil, trazendo a tona alguns nomes importantes de instrumentistas brasileiros.

Vale salientar que é possível ter outros trabalhos em nível superior, porém, estes dois últimos trabalhos foram encontrados somente através do contato direto com os seus autores, não sendo encontrados em repositórios. No levantamento destes trabalhos fica evidente a escassez de trabalhos e o quanto é recente a pesquisa sobre o instrumento na academia brasileira.

Algumas considerações sobre problemas, desconhecimentos e a nomenclatura do instrumento

Diante deste levantamento, foram registrados apenas dois trabalhos no âmbito de pós graduação brasileira em que o escopo é o bombardino, tratando-se das dissertações de mestrado de Silas Barreto (2019) que fomenta sobre o ensino do eufônio (bombardino) nas universidades federais brasileiras, demonstrando que em todas as universidades que oferecem o curso de eufônio/bombardino, é o mesmo docente que ministra tanto aulas de tuba como de bombardino, e notoriamente são instrumentos diferentes até mesmo pelos seus registros. Também temos o trabalho de Silva (2022) que explora o ensino de eufônio (bombardino)

através de ritmos nordestinos. Os dois trabalhos foram desenvolvidos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Além disso, como estudante e pesquisador do bombardino há mais de vinte e cinco anos, foi constatado que não se tem notícias de outro trabalho no âmbito da pós-graduação brasileira em que o escopo seja o bombardino como protagonista. O que vemos são trabalhos que citam o bombardino como um tema secundário que auxilia no processo de pesquisa de outros temas.

Neste sentido, observamos um problema agravante de desconhecimento do instrumento. Iniciando com a parceria entre o bombardino e a tuba, que traz consigo boas estimativas e em dadas circunstâncias pode ser prejudicial, porque, como a tuba já está consolidada, e tem seu espaço garantido como a base mais grave de sustentação das bandas de música e até mesmo em grupos de música de concerto como as orquestras, acaba que o bombardino pega uma carona nesta consolidação, assim como o trabalho de Pinto (2013), que tem como escopo “a tuba na música brasileira”, fazendo uma listagem de repertório.

Neste âmbito, o bombardino entra nesta listagem por esta ligação congênere com a tuba. Podemos observar também o trabalho de Khattar (2014) que traz um panorama histórico da tuba no Brasil, no qual o bombardino aparece também apenas por sua ligação com a tuba. Esta parceria entre bombardino e tuba é uma ótima ideia, onde os instrumentistas e professores se ajudam mutuamente na tentativa de visualização dos dois instrumentos. Entretanto, entendo que, de certa forma, faz ofuscar o protagonismo e mesmo a consolidação do bombardino brasileiro como instrumentista solista, surgindo novos questionamentos que não seriam o foco deste trabalho neste momento.

A preferencia pela nomenclatura “Bombardino”

Fernando dos Santos (2022) comenta que no Brasil o possível registro mais antigo encontrado da nomenclatura “eufônio” data de 1980 na obra Sonata para eufônio e tuba, de Michael Kelly, publicada pela editora Novas Metas. Porém, Osmário Júnior (2016), relata que Candinho já em 1907 fica responsável pelo solo da melodia no “bombardino”, com destaque para gravação da música intitulada “Em ti pensando” gravada em 1910. O que fica evidente é o bombardino como pregresso diante do eufônio no que diz respeito a música brasileira.

Nos dias atuais, há uma grande discussão entre o termo correto para o instrumento ser chamado de bombardino ou eufônio. Neste mérito, após recorrer a pesquisa documental ficou evidente que em se tratando de música brasileira, o termo que se destaca é bombardino, como objeto participativamente ativo. Podemos aferir esta discussão na ampla utilização de músicos que estão inseridos na academia que alternam a nomenclatura entre eufônio e bombardino, mas no que se refere a músicos que não estão na academia, utilizam o termo bombardino em suas músicas. Deste modo, a pesquisa nos mostra que de forma ampla o termo bombardino é mais reconhecido e utilizado no Brasil.

Um dos trabalhos recentes que observamos a utilização da nomenclatura bombardino é o espetáculo denominado Malungos (2022) do artista Allan Abbadia que através do programa instrumental Sesc Brasil, utiliza-se de vários ritmos brasileiros como: Choro, Baião, Samba, Gafieira, Ijexá e Lamento, com composições próprias, algumas feitas durante a pandemia. Allan Abbadia experimenta as variações afrobrasileira em sua música, ladeando o trombone e o bombardino como seus instrumentos nos gêneros musicais tão nacionais.

Outro trabalho importante tendo o bombardino protagonizando foi o álbum Bombardino no Choro (2014), realizado pelo catarinense Carlos Schmidt, acompanhado por um regional de choro, configurando como um trabalho de referência e virtuosismo do bombardino na execução de solos e contracantos, sendo o primeiro disco exclusivamente tendo o bombardino solista no que se refere ao gênero musical “choro”.

Constatamos o trabalho realizado em 2022 na capital Potiguar (Natal-RN), na Casa do Cordel, um encontro entre o bombardino, a viola nordestina e a zabumba. Ezequias Lira (viola), Fernando Deddos (bombardino) que são artistas e professores da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, juntos com o convidado Mestre Barros diretamente de Caruaru, tocam a música “Forró da Penha” do compositor Adelmo Arcoverde e João Lyra. O que é notório aferir neste trabalho é que o bombardino utilizado nitidamente trata-se de um eufônio moderno, por suas dimensões, ser de quatro pistões, já com sistema de compensação (que auxilia na afinação das notas mais graves), além do trigger que é uma espécie de válvula que ao acionar abre a volta principal do instrumento corrigindo a afinação do instrumento. Entretanto, o artista que está diretamente presente no meio acadêmico

brasileiro escolhe por utilizar a nomenclatura bombardino e não de eufônio, provavelmente por estar executando um repertório tipicamente brasileiro.

Um grande incentivador do bombardino na música brasileira é Hermeto Pascoal, como relata Santos (2022) que Hermeto gravou dois discos com o bombardino: Hermeto Pascoal e Grupo (1982) e Só não Toca Quem Não Quer (1987).

No recente trabalho acadêmico de pós graduação que o bombardino protagoniza, Auciran Silva (2022) comenta: “Em alguns países Latinos, na Itália, Portugal, Espanha e no Brasil, o eufônio também é conhecido como bombardino, **por isso, poderemos utilizar qualquer um destes termos quando nos referirmos ao instrumento em questão.**” (SILVA, 2022, p. 13).

Conclusão

Utilizando-se destes exemplos, entendo que o termo bombardino é o mais sensato a ser utilizado como instrumento brasileiro, mesmo que possa ter outra nomenclatura em outros países, pois, historicamente com o avanço tecnológico é notado a evolução dos instrumentos, como exemplo do trombone de vara moderno que hoje possui uma válvula (rotor) e dimensões maiores do trombone que veio logo após o seu antecessor sacabuxa.

A escolha da nomenclatura bombardino está ligada ao relacionamento histórico sociocultural do instrumento com a música brasileira, e não com a sua evolução tecnológica. Deste modo, essa escolha é pensada aqui por uma perspectiva decolonial, pois concordamos com Queiroz (2020) ao questionar:

Até quando, Brasil, vamos sustentar esse projeto colonial de ensino de música? Até quando, Brasil, vamos perpetuar os epistemicídios musicais e a exclusão de práticas culturais que tecem a nossa identidade nacional? Até quando, Brasil, vamos legitimar um ensino de música elitista e descomprometido com os problemas que dia a dia assombram pessoas desfavorecidas pela pátria colonialmente ensinada a ser excludente? (QUEIROZ, 2020 p. 155)

A grande questão aqui, é que em se falando em música brasileira, utilizar outro termo que não seja bombardino para mencionar este instrumento, é perpetuar a destruição de conhecimentos musicais e excluir as práticas culturais brasileiras. Em outras palavras, penso que utilizar o termo bombardino de forma unificada no Brasil é exaltar a cultura e expressão

do nosso país, favorecendo o reconhecimento e autenticidade do mesmo como um instrumento que ocupa o seu lugar no território nacional. É preciso ser dito, que a ideia aqui não é ter nenhum tipo de hostilidade com nenhuma outra cultura, pois o intuito é o fortalecimento da cultura brasileira. Porque assim, qualquer influência que vem de outro país ao em vez de descaracterizar, passa a ser incorporada como uma inspiração que enriquece ainda mais nossa cultura.

Referencias

ALMEIDA JUNIOR, M. A. DE. *Euphonium: Aspectos Históricos e Literatura*. Trabalho de Conclusão de Curso—São Paulo - SP: Faculdade Mozarteum de São Paulo, 2010.

BARRETO, S. A. DA S. *O ensino do eufônio em nível superior nas universidades federais do Brasil*. Dissertação de Mestrado—Natal - RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

BINDER, F. P. *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. Dissertação de Mestrado—São Paulo: Universidade Estadual de Paulista, 2006.

CUNHA, G. F. DA. *De bom jardim à Paris: a vida e a obra do compositor Dimas Sedícias*. Dissertação de Mestrado—Natal - RN: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

ESTEVAM JÚNIOR, O. *Cândido Pereira da Silva “chorão”, compositor e trombonista brasileiro*. Dissertação de Mestrado—Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

KHATTAR, A. S. *Tuba: sua história, o panorama histórico no Brasil, o repertório solo brasileiro, incluindo catálogo e sugestões interpretativas de três obras selecionadas*. Dissertação de Mestrado—Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

O’CONNOR, M. B. *A shorty History of the euphonium and baritone Horn*. Em: BONE JR, L.; PAUL, E.; MORRIS, W. (Eds.). *Guide to the euphonium repertorie: The euphonium Sourcer Book*. Bloomington: Indiana University Press, 2007. p. 1–19.

PINTO, A. G. *O choro: reminiscências dos chorões antigos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Typ.Glória, 1936. v. 1

PINTO, R. DA C. *A tuba na música brasileira: catalogação de obras, análise e sugestões interpretativas da fantasia sul américa para tuba e orquestra de Cláudio Santoro*. Dissertação de Mestrado—Salvador - BA: Universidade Federal da Bahia, 2013.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. *Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música*. PROA: Revista de Antropologia e Arte, v. 1, n. 10, 2020.

REIS, C. R. G. DOS. *O ensino de euphonium no Brasil da década de 1930 até o início do século XXI*. Trabalho de Conclusão de Curso—São Paulo - SP: Faculdade Mozarteum de São Paulo, 2013.

SANTOS, F. D. R. *Brazilian Euphonium: Brief historical background and annotated bibliography of selected solo and chamber works*. Tese de Doutorado—Athens: University of Georgia, 2016.

SANTOS, F. D. R. *Linha do tempo do eufônio - Brasil e universal*. Artigo apresentado em Projeto Sinos- Espiral - Funarte. UFRJ, 2021.

SILVA, A. R. DA. *O eufônio e a música popular: possibilidades formativas através de um método de estudos melódicos de nível médio ao avançado baseado em gêneros e ritmos pernambucanos*. Dissertação de Mestrado—Natal - RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.

SILVA, L. E. A. DA (Editor.). *Manual do mestre de banda de música*. 1. ed. Rio de Janeiro: Walprint Gráfica e Editora, 2018. v. 1

SILVA, L. D. *Carnaval do Recife*. 2º edição ed. [s.l.] Cepe editora, 2019.